

SPACE INVADERS

Texto de Fernanda Gama – terceira versão – julho/2017

CAIO, 14 anos / **PEDRO**, 17 anos / **VANESSA**, 14 anos / **LUCA**, 11 anos

INTRODUÇÃO

Caio escreve em seu caderno na mesa da cozinha, enquanto narra.

Caio – Introdução. Sempre começam assim. Eu também devia começar com uma introdução. Contando tudo que aconteceu de importante antes da história começar. *(pensa)* Não dá pra fazer isso. Nunca aconteceu nada de importante na minha vida. Nada que valha a pena contar. *(pensa)* Vou começar direto pelo dia que eles chegaram. “Parte 1. Quando estragou tudo.” *(pensa)* Estragou tudo não, pra estragar tinha que estar bom antes. Não tava. É que bem quando eu achava que não dava mais pra piorar, aí... aí vieram eles. *(pausa)* E ninguém me perguntou. Eu não ia dizer nada, eu nem ia saber o que dizer, mas mesmo assim. Ninguém me perguntou. Ninguém. Me. Perguntou.

Coloca o capacete. Space Oddity. Ele sobe até o letreiro, coloca o primeiro título.

PARTE 01 – SPACE INVADERS

Chegam os três irmãos e se colocam a frente da entrada do apartamento.

Pedro – *(fala em direção à porta)* Vamo, Vanessa, como cê é lerda.

Vanessa – *(entrando)* Carrega minha mala, então.

Pedro – Não sei porque cê trouxe tanta coisa.

Vanessa – Eu posso precisar.

Pedro – A gente vai ficar pouco tempo.

Vanessa – Você não sabe.

Pedro – Não fala merda. *(pra Luca, que entra)* Vai, vai, anda que nem homem.

Vanessa – Ele não aguenta a gente.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – O pai não aguenta a gente muito tempo.

Pedro – Shiu.

Vanessa – Nunca aguentou, cê sabe.

Pedro – *(vê Caio. Pausa)* E aí? *(Caio não responde. Os outros estranham. Pequeno silêncio. Pedro mostra a chave)* Meu pai já mandou fazer as cópias pra gente.

Caio não responde. Mal olha pra eles. Vanessa segura uma risada.

Vanessa – Onde que a gente põe as coisas?

Caio aponta em direção a seu antigo quarto. Os outros três andam até lá.

Pedro – O da esquerda?

Luca – Esse menor?

Pedro – Eu fico em cima.

Luca – Porque você?

Pedro – Porque eu sou mais velho.

Vanessa – Eu também vou ficar aqui?

Pedro – Não tá achando bom?

Vanessa – Só tô perguntando.

Pedro – *(irônico)* Pega um dos outros quartos, então.

Vanessa – Não me enche.

Pedro – São doze quartos na casa, não é isso?

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Dez são suítes.

Vanessa – *(para Caio, que não responde)* Não tem outro quarto?

Pedro – Tem algum com banheira?

Vanessa – *(para Caio)* É só esse quarto?

Caio – Só. E o da minha mãe.

Pedro – *(continua provocando)* Pronto, fica no quarto com o pai.

Vanessa – Até parece.

Pedro – A princesa na suíte da casa. É o justo.

Vanessa – Quietos.

Pedro – E a sala? Mais arejado.

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – E o quarto dos fundos?

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Quarto da empregada, é a tua cara.

Caio – Eu tô lá.

Pedro para de rir. Silêncio um tanto constrangedor.

Caio – *(sem saber como agir, meio aponta pro quarto dos fundos)* Eu tô lá.

Pedro – Beleza.

Caio sai sem graça, vai ao quarto dos fundos. No antigo quarto dele, silêncio por alguns segundos até eles se sentirem à vontade para rir e voltar a falar.

Pedro – Caralho, como ele é esquisito.

Luca – Por que?

Vanessa – Eu falei que ele tava mais estranho.

Pedro – Não lembrava que era tanto.

Vanessa – Libera essa cama pra mim, vai.

Pedro – Nossa, nem fudendo.

Vanessa – Nossa, que custa?

Pedro – Eu sou maior, nem vou caber nesse colchãozinho no chão.

Vanessa – Eu não quero ficar na sala. E não vou pedir pra ficar no quarto com o pai.

Luca – Porque não?

Vanessa – Porque não, né. A Elisa me mata.

Pedro – Foda-se a Elisa.

Vanessa – *(pega o celular e checa mensagens)* A Elisa é a dona da casa, trouxa.

Pedro – Foda-se a casa.

Luca – Mas cabe nós três.

Vanessa – Cabe, onde?

Luca – São três camas.

Caio – *(no quarto dos fundos, ao telefone)* Oi, mãe.

Vanessa – *(ao celular, com o namorado, voz infantil)* Oi, amor, você tá aí?

Caio – *(telefone)* Mais ou menos. *(Tempo de resposta)* Ah, mais ou menos.

Luca – É só por um tempo, não é?

Pedro – É. Só um tempo.

Caio – *(telefone)* Já chegaram, sim. Por que você não ficou em casa? *(Tempo)* Não podia faltar só hoje? Trocava o plantão com alguém, sei lá.

Luca – A gente tinha mesmo que vir?

Pedro – Isso é frescura da Elisa. Ela morre de ciúme da mãe.

Caio – *(telefone)* E o Eduardo? A ideia não foi dele? Por que ele não tá aqui?

Luca – Por que ela ia querer a gente aqui?

Pedro – Pro pai não ter que ir lá em casa toda hora.

Vanessa – É, bem melhor tacar a gente no apartamento dela e ter que pagar nossas contas.

Pedro – Ela não paga nossas contas. O pai paga nossas contas.

Vanessa – *(irônica)* Paga, sim. Do mesmo jeito que paga lá em casa.

Pedro – Ele paga, mesmo.

Vanessa – Acorda. Ele nunca nem aparece.

Pedro – Não quer dizer que ele não paga as contas.

Vanessa – A mãe se vira sozinha. Cê sabe.

Caio – *(telefone)* Ah, tá, agora você tem dó dela, até ontem tava reclamando, agora tá com dó. *(TR)* Tá, mas por quanto tempo? *(TR)* Dois dias, três, uma semana, quanto?

Vanessa – E se for mais? Já pensou? Morando com o esquisito.

Caio – *(telefone)* E se não resolver nunca?

Pedro – Você nem vai ver esse moleque. Nem vai ouvir a voz dele.

Vanessa – Ninguém nunca ouviu a voz dele na vida.

Caio – *(telefone)* Você não pode mesmo vir? Por favor, mãe, por favor, por favor. *(Tempo. Os três riem do escândalo dele.)* Tá. Aviso. Aviso. Tchau. *(desliga)*

Vanessa – *(grava no celular, pra amigas)* Oi, gente, desculpa, não respondi antes porque eu cheguei aqui agora.

Caio – *(Narra)* Primeiro pensei em escrever uma história de herói. Eu gosto de heróis. Eles são muito fortes. Ou muito inteligentes. Ou muito rápidos. Sei lá, são sempre muito bons em alguma coisa. E por isso são respeitados. Ou o herói não tem poderes, tipo o Batman. Mas ele tem muita grana. Aí com muita grana, você meio compra poderes. Com muita grana, você meio compra qualquer coisa. Mas eu não sou milionário. Nem sou bom em nada. Não sei nada. Quem é que vai me respeitar?

Vanessa – *(no celular, pra amigas)* Ai, é muito zoado. Pequeno, estranho. Não tem nem quarto pra mim.

Caio – Eu sou o cara que perde pro herói. Não o vilãozão da história, sou um capanga, tipo um daqueles caras que ajuda o Coringa, o cara que morre na primeira cena do filme.

Vanessa – *(rindo, no celular)* Ele sempre foi meio estranho, né, mas ele era criança ainda, agora tá foda, ele tá muito zoado.

Caio – Não aparece nem meu nome nos créditos. Dá pra chamar o mesmo ator pra fazer o meu papel e o papel de uns outros quinze caras no filme.

Luca – *(pra Pedro)* Quanto tempo a gente vai ficar?

Pedro – Pouco.

Luca – Pouco quanto?

Pedro – Pouco.

Vanessa – Ou não...

Pedro – Cala a boca, ele é criança....

Luca – Eu não sou criança.

Pedro – Não, não é não, cê é adulto pra caralho.

Vanessa – Ele tem que saber das coisas.

Pedro – Ele sabe.

Vanessa – *(irônica)* Sabe sim...

Luca – A gente nunca morou com o pai antes.

Pedro – Morou, sim.

Luca – Jura?

Pedro – Você era pequeno demais pra lembrar.

Luca – E como era?

Vanessa – *(celular, namorado)* Eu tô morrendo de saudade, já.

Luca – Hein, Pedro, como era?

Pedro – *(Pensa)* Igual.

Luca – Por que a gente não pode ficar lá?

Pedro – Porque eles querem que a gente fique aqui, aí a gente vai ficar aqui. Até as coisas melhorarem.

Luca – A mãe vai ficar lá sozinha?

Pedro – Vai. Vai ficar lá e pensar só nisso.

Luca – Só nisso o que?

Pedro – Em melhorar as coisas. Vai ficar lá só fazendo isso, de manhã até de noite, tudo que ela vai fazer é pensar em como melhorar.

Luca – Ela pode fazer isso com a gente lá.

Pedro – Não pode. Aí ela pensa em cuidar da gente, não em melhorar.

Luca – E isso não é bom?

Pedro – Não sei.

Vanessa – *(celular)* Ai, como você é bobo.

Pedro – Acho que não.

Luca – Ela pode pensar nisso e na gente ao mesmo tempo.

Pedro – Ela não tá mais pensando em nada.

Vanessa – *(celular)* Que você fez hoje?

Luca – É que não dá pra pensar uma coisa só o dia todo. Eu já tentei. Você pensa em uma coisa mas quando você percebe sua cabeça sozinha tá pensando em outra. Depois você tenta voltar e descobrir como foi que você começou a pensar naquilo mas não consegue mais. E às vezes você quer pensar em coisas boas mas tudo que vem na sua cabeça são coisas ruins. Você não controla o pensamento, é muito mais o pensamento que controla você. E se ela passar o dia todo pensando em melhorar na verdade ela vai passar o dia todo pensando em como tá ruim.

Pedro – *(pausa)* É, isso aí também.

Vanessa – *(no celular, com as amigas)* Ah, não, não, não, faz assim, deixa que eu visito vocês. Melhor.

Luca – Não é justo.

Pedro – Não, não é, não é nada justo.

Vanessa – *(celular, amigas)* É só olhar pro bairro, pro tipo de casa que tem...

Pedro – *(cortando Vanessa)* Para de reclamar, que saco.

Vanessa – Você queria que eu fizesse o que?

Pedro – Só sabe choramingar.

Vanessa – Você tem cama, pelo menos.

Pedro – Mas que merda, fica com a merda da cama!

(Ele se levanta e ela ocupa a cama no lugar dele)

Vanessa – Você é mais velho. *(irônica)* Tem que tomar conta da gente.

Pedro – Vai se fuder.

Vanessa – Quem vai tomar conta do seu irmãozinho?

Luca – Sua idiota.

Vanessa – *(pra Luca)* Fica quieto, você.

Luca – Fico quieto se eu quiser.

Pedro – Cala tua boca.

Vanessa – Que merda.

Pedro – *(irritado)* Claro que é uma merda, eu sei que é uma merda, mas não tem nada que a gente possa fazer. *(sai pra sala irritado)*

Vanessa – *(grava no celular)* Não, a festa vai ser pra galera daí, cê acha... tô até vendo que só vai ter cara zoadado nessa escola nova. Daqui a pouco eu mando o vídeo com os passos pra vocês, tá? Beijo.

Caio – *(narra)* É isso que eu vou escrever aqui. A história da minha derrota. Pra todo mundo saber. Porque quando as pessoas lerem isso, eu já vou ter ido embora, então elas vão entender o porquê.

Pedro – Oi. *(TR)* Chegamos nessa merda aqui. *(TR)* Tudo a mesma bosta de sempre *(TR)* Se ajeitar como, como que a gente vai se ajeitar nesse caralho dessa casa?

Caio – Faz tempo que eu penso em ir embora, muito tempo. Mas depois que eles chegaram, tenho pensado muito mais.

Pedro – Porra nenhuma, não é nem fudendo. *(TR)* Ah, tá, como se você nunca falasse palavrão nessa merda de vida fudida que você leva. *(TR)* Avisei sim, avisei a mãe. *(TR)* Achei que ela ia te falar. *(TR)* Porra, agora tudo que eu for fazer eu tenho que avisar você E ela também? Aí fudeu. *(TR)* Tarde que horas? *(TR)* Tá. A gente pede uma pizza. *(TR)* A gente se vira. *(TR)* A gente se vira, não tem outra opção que não a gente se virar, né? *(desliga o telefone e começa a jogar videogame)* Tomar no cu.

Caio – Eu fico aqui porque ainda não tive coragem pra decidir. Coragem é coisa de herói. Eu não sou herói. Eu sou um merda.

Caio trancado no menor quatinho da casa, enquanto os outros dominam todos os outros cômodos. Até que Caio veste novamente o capacete, e quando ele faz isso, todos os outros sons da cena param, embora os movimentos da cena continuem. Como se estivéssemos no espaço, e o som não mais se propagasse.

PARTE 02 – AS PESSOAS GUARDAM MUITAS COISAS QUE NÃO SERVEM PRA NADA

Duas semanas depois. Manhã. Ouvimos o despertador de Caio. Ele acorda.

Mudança no letreiro: DUAS SEMANAS DEPOIS

Vanessa está no banheiro sonhando com o dia de sua festa em frente ao espelho. Faz a voz do DJ anunciando sua entrada e ensaia alguns passos.

Luca – Anda logo!

Vanessa – Não enche!

Luca – Vai, caramba.

Luca espera na porta do banheiro. Pedro ainda dorme. No quarto dos fundos, Caio senta na cama, ainda como astronauta, tira o capacete.

Caio – *(narra)* No começo da história você precisa apresentar todo mundo, o lugar, os personagens, o que tá acontecendo. Senão fica confuso. Eu moro nessa casa desde os seis anos, e vou morar mais doze pelo menos que é o tempo de acabarem as parcelas, a minha mãe disse. Meu pai nunca morou aqui. Quando a gente veio, acho que ele e minha mãe já nem se falavam mais.

Luca – *(bate de novo na porta)* Vanessa, por favor.

Vanessa – *(irritada, abrindo a porta)* Vai, entra logo.

Luca entra no banheiro correndo, Vanessa volta ao quarto, Pedro ainda está na cama. Caio pega sua mochila, seu capacete, e sai do quarto dos fundos.

Vanessa – Ainda?

Pedro – Você não saía do banheiro...

Vanessa – Ah, cala a boca...

Pedro – Caralho, eu matava alguém só pra não ir pra escola hoje.

Vanessa – Nem fala.

Pedro – Duas semanas e nada de interessante. Nada.

Vanessa – Puta saco.

Luca se olha no espelho do banheiro, canta e dança uma música.

Caio – *(narra)* Quando a gente mudou, minha mãe deixou eu escolher a cor do meu quarto. Eu pintei de azul. E ela deixou eu colar no teto aquelas estrelas que brilham no escuro.

Vanessa – *(ainda se arrumando em frente ao espelho)* Tá. Na verdade, no João também não tinha nada de interessante.

Pedro – É. Escola é tudo a mesma merda mesmo.

Caio – Montei as constelações como elas são, de verdade, eu pesquisei muito antes de colar. Eu gostava de deitar na cama e ficar olhando pra cima. Por horas.

Vanessa – O que salvava no João eram as pessoas.

Pedro – É. A galera era legal, todo mundo se conhecia desde moleque. *(ri)*

Caio – Depois minha mãe começou a namorar o Eduardo. Eu não gostava muito dele no começo, mas depois achei que tudo bem.

Pedro – *(rindo)* Você lembra...

Vanessa – Já sei o que você vai falar...

Pedro e Vanessa – *(juntos, rindo)* Ketchup...

Pedro – ... colocaram laxante dentro do pote de ketchup na cantina...

Vanessa – ... você colocou laxante no pote de ketchup da cantina...

Pedro – *(ri)* Isso nunca foi provado!

Vanessa – Todo mundo passando mal depois.

Pedro – E o Jorge falando “quem foi, melhor dizer logo, se eu descobrir sozinho vai ser pior”.

Vanessa – Mas ninguém disse.

Pedro – Ninguém disse. A gente era unido pra caralho.

Vanessa – É.

Caio – *(narra)* Faz duas semanas que o Eduardo resolveu trazer os filhos dele pra cá. E agora, meu quarto não é mais meu.

Vanessa – Mas nessa escola nova só tem babaca.

Pedro – Tudo babaca.

Foco em Luca no banheiro. Ele põe a camiseta na cabeça e se olha no espelho, admirando-se.

Vanessa – Luca, você tá no banheiro?

Luca – *(assusta-se e para o que está fazendo)* Tô. Por que?

Vanessa – Nada...

Caio – *(narra)* Assim que eles chegaram, eu sonhei que a casa tava falando. Tudo que eu pensava, a casa repetia pra eles.

Vanessa – *(fala mais baixo)* Cê sabe que já tão falando merda pro Luca, né?

Pedro – Sério?

Vanessa – É. Ele não fala nada, mas eu sei.

Pedro – Merda.

Vanessa – Eu vejo como todo mundo olha pra ele. *(Pedro não responde)*

Caio – Eu tentava gritar, mandar todo mundo calar a boca, mas a minha voz não saía.

Vanessa – E ele ainda tá no quinto ano... *(Pedro não responde)* Os mais novos são os mais cruéis. *(Pedro não responde)* Imagina se descobrem que a gente mora com o esquisito aí.

Pedro – Cê vai contar?

Vanessa – Eu não.

Pedro – Nem eu.

Caio – *(narra)* E as vozes continuavam falando, repetindo, repetindo, tipo um eco na minha cabeça.

Vanessa – Sabia que ele vai no psicólogo? As meninas da sala me disseram.

Pedro – Sério?

Vanessa – Eu perguntei pro pai e ele disse que é verdade.

Pedro – Deve ser.

Vanessa – Você viu o vídeo?

Pedro – O vídeo que fizeram dele?

Vanessa – É muito engraçado.

Acha o vídeo no celular, entrega pra Pedro. Assistem juntos. Conseguimos ouvir sons, comentários feitos no vídeo. Os dois riem e comentam.

Vanessa – As meninas disseram que ele sempre foi zoadado. Desde que ele entrou na escola. Sempre.

Pedro – Também, esquisito pra caralho.

Vanessa – O mundo tem as pessoas piadistas...

Pedro – *(completando a ideia dela)* ... e as pessoas piada. Ou você é um...

Vanessa – ... ou você é outro.

Pedro – Ou você é um ou você é outro.

Vanessa – Pessoa piada.

Pedro – Piada.

Pedro e Vanessa rindo cada vez mais alto. Caio apenas ouve as coisas que falam dele. Como no sonho, as vozes repetem frases ditas na conversa, como um eco. Caio veste o capacete, conturbado. Caio sai e a cena volta ao normal.

Pedro – Não dá pra ficar quieto. As pessoas falarem merda e você ficar quieto.

Vanessa – Tem que rir junto. Tem que rir antes.

Pedro – Partir pra cima. Se vier falar merda pra mim, eu dou na cara.

Vanessa – *(Irônica)* Nossa, como ele é foda.

Pedro – Vai se fuder, não fico quieto, não.

Vanessa – Como ele é macho.

Pedro – E se começarem a falar muita merda pro Luca, vão ver, também.

Vanessa – Ah, vai, você fala merda pro Luca o tempo todo.

Pedro – Eu sou irmão dele. Eu posso falar merda pra ele. *(para Luca, que volta do banheiro)* Corta esse cabelo.

Luca – Eu gosto assim.

Vanessa – *(no celular)* Oi, amor, bom dia.

Saem do quarto e vão todos pra cozinha.

Luca – Não tem sucrilhos?

Pedro – Não. O pai deixou só pão.

Vanessa – *(ao celular)* Hoje não dá pra ir.

Luca – Ele já foi?

Pedro – Já. Ele sai cedo.

Vanessa – *(telefone)* Meu pai não deixa eu ficar cruzando a cidade assim.

Luca – E a Elisa?

Pedro – Acho que tá no plantão.

Vanessa – *(telefone)* No fim de semana você pode vir pra cá.

Luca – E o Caio?

Pedro – Sei lá do Caio. Acho que já foi.

Luca – Você acha que ainda vai demorar muito?

Pedro – Não sei.

Luca – Mas o que você acha?

Pedro – Pensa que é uma viagem de férias.

Luca – Não é férias se tem que ir pra escola. E na viagem a gente sempre sabia que dia que a gente ia voltar.

Vanessa – *(celular)* Eu sei que não é a mesma coisa. Eu também gostava mais quando a gente se via todo dia. Mas mesmo assim é bom, não é?

Luca – A mãe falava “Luca, só é bom porque a gente tem dia pra voltar, se a gente não voltasse das férias nunca, a viagem ia perder a graça”.

Vanessa – *(telefone)* Não tá sem graça pra mim.

Luca – Quando a pessoa tá doente, ela vai pro hospital, não é isso? Então por que que foi a gente que mudou, se quem tá doente é ela?

Pedro – Você preferia que ela tivesse no hospital?

Luca – Não.

Vanessa – *(celular)* Eu também não gosto de ficar longe. Mas é que isso não muda nada, não muda o que eu sinto.

Luca – É que eu queria tá em casa.

(pausa)

Pedro – É, mas se ela tivesse no hospital, de qualquer jeito ela não ia estar com você.

Luca – Não.

Pedro – Então, que diferença faz?

(Luca não responde. Silêncio.)

Vanessa – *(celular)* Você não quer mais me ver, é isso?

Luca – *(após um novo silêncio)* Por que o Caio nunca vai com a gente?

Pedro – Porque a gente não faz questão. *(olha a hora)* Vamo logo, vai. *(pra Luca)* É melhor assim, acredita em mim.

Vanessa – *(celular)* Não tô fazendo drama. Você tá esquisito.

Pedro – Vanessa, vamo. Lerda.

Todos pegam suas coisas e saem.

.....

Tarde, após a escola. Caio na cozinha, falando no telefone.

Caio – Não tô desanimado, mãe. *(TR)* Não, não tô. *(TR)* É a minha voz de sempre, ué. *(TR)* Não. *(TR)* Eu vim sozinho. *(TR)* Não sei, deviam ter aula a tarde. *(TR)* Então liga você pra eles e pergunta. *(TR)* Não. *(TR)* Tá, eu sei, mãe. *(TR)* Tá. Que horas você chega? *(TR)* Tá. Tchou. *(TR)* Ligo. Ligo. Tchou.

Ele desliga, vai até o quarto dos fundos. Olha pela janela.

Caio – *(narra)* A gente mora no 23 andar. São quase 70 metros. Fiz a conta na aula outro dia. A velocidade da queda pode chegar a 120 km/h. Demora cinco segundos pra chegar no chão. Nesse tempo, dizem que o corpo já libera hormônios e coisas assim pra amenizar a dor, e quando a pessoa chega no chão ela já não sente quase nada. Quase nada. Quanto será que dói? Quanto será que dói ir embora?

Luca, que já chegou da escola, se olha no espelho enquanto passa batom. Ele vai até o quarto e encontra uma caixa debaixo da cama.

Luca – Caio! O que é isso?

Caio – Isso o que?

Luca – Eu achei no nosso quarto.

Caio – Um videogame.

Luca – Isso aqui é um videogame?

Caio – É.

Luca – É muito velho.

Caio – É.

Luca – É tipo o avô do Playstation.

Caio – *(sorri)* É.

Luca – E você joga?

Caio – Não funciona.

Luca – Pra que você guarda, então, se não serve pra nada?

Caio – *(pensa)* As pessoas guardam muitas coisas que não servem pra nada. *(pausa)* Era do meu pai.

Luca – Esses são os jogos?

Caio – É.

Luca – *(lendo)* Enduro.

Caio – É de corrida.

Luca – E esse?

Caio – Era um carinha que corria e pulava uns obstáculos, se pendurava no cipó, pulava o lago, umas coisas assim. Meio bobo.

Luca – Space Invaders?

Caio – Tinha uma nave espacial, e as outras naves vinham pra cima de você, você atirava nelas, e se elas chegassem muito perto de você, você perdia.

Luca – Só isso?

Caio – Só. *(passa o celular pra ele)* É esse jogo aqui, ó. *(Luca brinca com o jogo por um tempo)* Não dá pra fazer muita coisa, acho que é porque o controle tinha pouco botão. Não consigo entender porque meu pai achava legal.

Eles param de falar por um tempo. Ouvimos o som do jogo.

Luca – Faz tempo que você não fala com ele?

Caio – Nunca mais falei.

Luca – Nem de fim de semana? *(Caio não responde)* Meu pai às vezes ia pegar a gente de fim de semana.

Caio – Eu sei. *(pausa)* Minha mãe diz que no começo ele ia, depois começou a aparecer cada vez menos, ligava de vez em quando. Trouxe o videogame num aniversário. Ela diz que um dia ele apareceu pra me buscar e eu não quis ir. E ela disse isso pra ele, e ele não apareceu mais.

Luca – Onde será que ele tá agora? Será que ele tem outra família?

Caio – Por que?

Luca – O meu pai tem.

Caio – É.

Silêncio.

Luca – A minha mãe diz que meu pai já namorava sua mãe antes. Que ele ainda era casado com a minha mãe, mas já namorava com a sua. É o que ela diz. O que você acha?

Caio – Não sei.

Luca – Acho que era por isso que ela ficava brava quando ele ia visitar a gente. O Pedro também, tinha dia que ele nem ia junto. Mas ele ia bem pouco... Minha mãe que sempre cuidou da gente. Quando ela gostava de ser mãe. Depois parou.

Caio – Como assim?

Luca – Ela disse pra mim uma vez que tinha ficado presa num dia ruim. Que ela teve uma vez um dia ruim em que tudo deu errado, ela ficou esperando aquele dia acabar pra no dia seguinte as coisas serem melhores, mas quando ela acordou no dia seguinte tava tudo igual. E ela tentou no dia seguinte, e foi a mesma coisa. Que ela sentia como se ela estivesse presa numa viagem no tempo, repetindo aquele mesmo dia. Só que ela deu azar de ser um dia ruim.

Caio – Sei. Eu também sinto isso, às vezes.

Luca – A gente veio pra cá enquanto esse dia ruim dela não acaba. Só que todo dia falta só mais um dia. *(Longa pausa)* Mas se acontecesse essa mesma coisa, mas o dia que repete fosse um dia muito bom, ia ser maravilhoso, não ia?

Caio – *(narra)* Se o Luca pudesse repetir um dia, ia repetir um dia da idade que ele tem, e não da minha. Talvez ia querer ser até mais novo. Porque quanto mais criança, mais fáceis as coisas são. Você pode fazer o que quiser, todo mundo vai achar fofinho, “tudo bem, é só uma brincadeira”. O Luca ainda tá na fase 1. Ele ainda não precisa ter vergonha de ser quem ele é. Ele só é ele mesmo, pronto. Depois as coisas ficam mais difíceis. E aí quando você chega na fase 5 ou 6 ou 7, não dá mais pra voltar pra uma fase mais fácil.

Vanessa – *(grava ao telefone)* Oi, Pri, então, tava pesquisando aqui e achei uns penteados muito lindos. Vai combinar muito com o meu vestido.

Caio – *(narra)* A Vanessa só falava da festa, ela só falou disso por meses.

Vanessa – O vestido da hora da valsa vai ser o vestido.

Caio – Ela não queria uma festa qualquer, queria a festa. O melhor salão. O melhor vestido. A melhor comida. Ela é metida pra caramba.

Vanessa – *(celular)* O vestido da Má Bueno era uó. Aliás, a festa dela foi uó, né?

Caio – O dia todo no celular com aquelas amigas chatas dela, aquele cara que ela namorava. Chata, chata, chata.

Vanessa – *(celular)* O cabelo dela tava horrososo. O DJ era ruim demais. E aquela decoração ridícula? *(Pega um estojo de maquiagens, mexe nele, rindo.)*

Caio – Mas pelo menos ela conseguia se interessar por alguma coisa. Esperar pela festa era melhor que a própria festa. Eu não espero mais nada.

Vanessa – Ah, se eu tivesse metade do dinheiro que o pai dela tem eu faria uma festa mil vezes melhor. *(Fala pra si mesma)* Cadê meu batom rosa? *(Grita)* Luca, cadê meu batom rosa?? *(Fala no celular, voz de namorada)* Oi, onde você tava? Eu tava te chamando há um tempão. *(TR. Continua procurando o batom)* Eu só tô perguntando, você não precisa ficar bravo. *(TR)* Porque eu sinto sua falta, ué. Você não? *(grita)* Luca, você mexeu nas minhas maquiagens de novo? LUCA!

Pedro – *(também grita)* Luca, a Vanessa tá te chamando!

Luca – *(também grita)* Já vou!

Vanessa – Que saco! *(Anda até o banheiro, procura de novo. No celular)* Por que você tá falando assim comigo? Você sabe que meu pai não me deixa ir. Eu já te expliquei. *(grita)* Luca!!!!

Pedro – Luca, anda!

Luca – Já vou.

Vanessa – *(celular)* Pera que eu vou te ligar. *(fecha a porta com força, irritada)*

Pedro – *(grita)* Luca!

Vanessa – Mas quando a gente se encontrar no sábado vai ser legal. Eu juro. Você vai ver. *(TR)* Não é que eu não quero fazer nada, eu só não quero fazer tudo ainda. *(TR)* Porque não, ué. Ainda não. Acho que ainda não. *(TR. Maliciosa)* Mas e as coisas que a gente já faz? Não é bom? *(TR. Ri, meio sensual)* Claro que eu gostei, eu te falei que eu gostei. *(TR. Ri de novo)* Sou nada. Tô gorda.

Pedro – Luca, caramba, vai logo.

Luca – Eu já vou.

Vanessa – *(mais baixo)* Agora? Tô de vestido. *(TR. Ri.)* É decotado, sim. *(TR. Ri.)* Pára. *(TR)* Mandar o que? *(TR)* Ah, não. Vai que alguém vê...

Pedro – Luca...!

Vanessa – Claro que eu confio em você! *(TR)* Eu sei que você não vai mostrar.

Pedro – Luca, caralho! *(Pedro levanta e vai até a porta do quarto dos fundos)*

Caio – *(narra)* O Pedro é o mais velho. Tá no último ano. Ele é rebelde, mal-educado. E acha isso legal.

Pedro – *(na porta do quarto)* Que merda de mania idiota.

Luca – *(levanta)* Tô indo.

Pedro – Deixa o pai chegar e ver isso. *(Luca sai do quarto)* Depois dá merda e você chora.

Luca sai do quarto dos fundos e vai pro quarto, pega o casaco de Vanessa e se olha no espelho. Pedro olha para Caio dentro do quarto dos fundos. Os dois se encaram por alguns segundos.

Caio – Eu também acho isso legal. Porque ele fala o que ele bem entende.

Vanessa – Jura que não mostra, né? *(TR)* Eu sei. Eu também gosto.

Caio – Pra quem é péssimo com as palavras como eu, falar tudo que quer parece ser uma coisa bem boa.

Caio observa enquanto Pedro volta para a sala pra jogar videogame; Luca, com os fones de ouvido, dança no quarto; e Vanessa coloca o celular por baixo do vestido e tira fotos. Ela repete a ação algumas vezes.

PARTE 03 – DIGAM PRA ELA QUE EU A AMO MUITO

Os três dormem no antigo quarto de Caio, enquanto ele está sentado no quarto dos fundos, olhando para baixo, repetindo a cena anterior. Narra.

Caio – A gente mora no 23 andar. As luzes da rua e dos carros estão tão longe. São pequenas estrelas. Eu coleí estrelas que brilham no escuro no teto do meu quarto. Eu moro aqui há seis anos. No 21 andar. São 60 metros até o chão. A velocidade pode chegar a 120 km/h. É rápido. A minha mãe vai chorar, mas vai ser rápido. Eu olho pela janela do 18 andar. Eles gritam pula, pula, pula. (Os outros levantam e começam a interagir com ele) Vai ter um quarto a mais. As luzes estão tão longe. Meu pai nem sabe onde fica esse prédio. No 14 andar tem uma festa. Estão ouvindo David Bowie. A minha mãe tá chorando. Depois ela vai jogar as cinzas de algum lugar. De alguma estação espacial. Do 10 andar do prédio. Vai ser rápido. O corpo já libera hormônios e coisas assim. Minha mãe depois vai entender. Vai falar de mim com orgulho, vai ter saudade. Digam pra ela que eu a amo. Muito. É só atirar nas naves e não deixar elas chegarem perto de você. Eu não sou herói, eu sou um merda. A casa contando todos os meus segredos pra eles. O corpo libera hormônios e coisas assim, a pessoa já não sente quase nada. Quanto será que dói?

Caio cai. Os outros comemoram enquanto dominam de vez todo o espaço da casa. Celular de Caio toca, ele acorda assustado, desliga, ainda confuso.

Mudança de letreiro: MAIS DE UM MÊS DEPOIS

Vanessa no quarto se maquiando e Pedro ainda está deitado.

Vanessa – Pedro, seis e meia.

Pedro – Que?

Vanessa – Seis e meia. Você não vai hoje de novo?

Pedro – Não.

Vanessa – Por que não?

Pedro – Por que sim?

Vanessa – Você não foi a semana toda.

Pedro – Eu durmo a aula toda. Que diferença faz se eu durmo aqui ou na escola?

Vanessa – Cê vai bombar.

Pedro – Foda-se. Foda-se escola, foda-se faculdade, foda-se essa merda toda.

Vanessa – Vai fazer o que, então? Trabalhar com o pai?

Pedro – Nem fudendo.

Vanessa – E vai arranjar dinheiro como?

Pedro – Vou virar hippie. Foda-se. Mas não vou pra essa porra dessa escola nunca mais.

Vanessa – O pai vai falar merda...

Pedro – O pai sempre fala merda.

Vanessa – Luca, se quiser tomar café, vem logo!

Luca no banheiro, olha no espelho enquanto finge estar gravando um videoclipe. Caio pensa em ir pra cozinha, vê Vanessa lá, hesita.

Vanessa – Luca!

Luca – Já vou.

Luca e Vanessa na cozinha. Caio ainda no quarto.

Caio – *(pra si mesmo)* Você só vai lá e vai tomar café. Só.

Caio pensa em ir pra cozinha, vê os outros lá, hesita várias vezes.

Vanessa – *(no celular)* Oi, então, eu preciso ver agora quem vai dançar comigo na festa, né? Ele tá bravo, não quer nem falar comigo mais.

Luca – O pai já foi?

Vanessa – Já. *(telefone)* Eu também achei que a gente ia terminar de boa.

Luca – E a Elisa?

Vanessa – Sei lá, Luca. *(telefone)* É, então, não dava mais. Ele só reclamava, aí a gente só brigava. Mas eu por mim continuava amiga. Eu falei pra ele ir na minha festa mesmo assim, ele que disse que não quer.

Luca – O Pedro não vai hoje de novo?

Vanessa – *(telefone)* Eu já pedi pro Pedro dançar comigo, mas você acha que ele quer? Até parece. Ele me odeia.

Luca – Por que ele pode faltar e eu não posso?

Vanessa – *(celular, rindo)* Vou nada. Ex bom é ex morto. *(pra Luca)* Vamo, Luca, tá na hora.

Caio está entrando na cozinha. Os três se encaram por um segundo. Caio coloca o capacete e corre de volta para o quarto. Os outros dois observam.

Luca – Por que o Caio nunca vai com a gente?

Vanessa – Porque a gente não faz questão. *(Saem)*

Caio – *(narra, trancado no quarto)* Lista dos superpoderes que eu queria ter. Se eu fosse um herói, claro. Um. Ficar invisível. Pra não encarar os olhares da pessoas, ouvir os comentários das pessoas, toda vez que eu não sei o que dizer, não sei o que fazer, quanto tô na frente delas.

Pedro acorda e se espreguiça. Caio percebe.

Caio – Ou então, superforça. Poder de destruição. Qualquer coisa que fizesse as outras pessoas sumirem.

Foco em Pedro no banheiro, admira-se no espelho.

Caio – Toda história tem um herói. A minha história também tem um. Mas eu não sou o herói. Eu sou um merda.

Encontram-se no antigo quarto de Caio. Pedro está fumando. Caio incomodado.

Pedro – *(provoca)* Algum problema?

Caio – Minha mãe não vai gostar.

Pedro – Sua mãe não tá. Se ninguém contar, ela nunca vai ficar sabendo.

Caio não responde. Pega suas coisas e vai pro quarto dos fundos.

Caio – *(narra)* Sempre tem dois lados. O herói e o vilão. Eles são o oposto um do outro, e isso piora, piora, e uma hora fica insuportável. E no final um deles vai ganhar, e o outro vai perder. E alguém vai embora. Alguém vai ter que ir embora. Ou eles. Ou eu.

Vanessa e Luca chegam. Luca está chateado.

Vanessa – Dá um jeito nisso. A Elisa vai brigar. *(Luca não responde)*

Caio – *(narra)* Alguém vai ter que ir embora.

Vanessa – Que aconteceu, Luca? Não chora...

Luca – *(sem querer falar)* Nada...

Luca vai pro banheiro trocar de roupa. Vemos que nas costas dele há uma marca, como se ele tivesse apanhado. Vanessa senta no sofá junto com Pedro.

Caio – *(narra)* É só ir embora. Só isso. Eu vou e fica só o melhor de mim. Minha mãe vai lembrar de mim com saudade, vai dizer que eu era um ótimo filho, que ela me amava muito. Eu não vou estar do lado mostrando que é óbvio que eu não sou tão bom assim. Eu não sou herói. Eu sou um merda. Se eu ficar minha mãe vai passar a vida inteira se culpando por isso. É só fazer uma coisa certa, uma vez na vida, o que ela queria que eu fizesse. Ir embora. Sumir.

Caio coloca os fones e ouve música. Na sala, Pedro e Vanessa conversam.

Vanessa – Sabe a grávida?

Pedro – Quem?

Vanessa – A menina do primeiro ano que tá grávida.

Pedro – Não.

Vanessa – Uma do primeiro ano, magrela, loira tingida. Não sei o nome. Tem uma cara de fuinha, assim.

Pedro – *(ri)* Que?

Vanessa – Uma que tá sempre sozinha no intervalo. Que na semana passada os meninos cantaram uma musiquinha pra ela... meio que chamando ela de vagabunda...

Pedro – Ah, sei qual é. Vacilona.

Vanessa – Que?

Pedro – Ah, primeiro ano, grávida.

Vanessa – E daí?

Pedro – Ah, sei lá.

Vanessa – Sei la o que, do cara ninguém fala, né.

Pedro – Que cara?

Vanessa – O namorado dela.

Pedro – Parece que nem é mais namorado.

Vanessa – E daí? Ela não fez filho com o dedo.

Pedro – O cara disse que não é dele.

Vanessa – Mas ela disse que é.

Pedro – E daí, o que tem ela?

Vanessa – Ah, ela mora aqui no prédio, acho. Acabei de encontrar ela no elevador.

Pedro – É?

Vanessa – Ela tava chorando. *(pausa)* Eu pensei em falar alguma coisa pra ela, mas não sabia o que. *(Pausa longa)* Ninguém defendeu ela aquele dia. Ninguém. Nem professor, ninguém. Ninguém falou nada.

Pedro – Nem você.

Vanessa – É. *(pausa)* Nem eu... *(longo silêncio)*

Luca está deitado no canto do quarto de Caio, chateado.

Caio – Luca? Luca?

Luca não responde.

Vanessa – E se a gente voltasse pro João?

Pedro – Ia ser a mesma merda, Vanessa. Já parou pra pensar quanto tempo que a gente passa na escola? Tem dia que são seis, sete horas. Tem noção de quanto são sete horas? Se você pegar um avião na hora da entrada na escola, na hora da saída você já vai estar longe. Dá pra sair do país no tempo que você passa sentada naquela cadeira ouvindo merda.

Vanessa – Mas no João é melhor...

Pedro – Ah, não inventa. Tá querendo voltar lá só por causa dele...

Vanessa – Nada a ver.

Pedro – Tem a ver, sim.

Vanessa – Fica quieto, fui eu que terminei!

Pedro – Bela merda.

Vanessa – Pede pro pai. Se você pedir, ele deixa.

Pedro – Que deixa, Vanessa, ele nem tem como pagar pra nós três no João.

Vanessa – E a mãe?

Pedro – A mãe não manda mais em nada. Põe isso na sua cabeça.

Luca e Caio sentados lado a lado no quarto dos fundos, em silêncio.

Caio – Você tá bem?

Luca – Tô.

Caio – Aconteceu alguma coisa?

Luca – Nada. Que que cê tá ouvindo?

Caio – Bowie.

Luca – Que?

Caio – David Bowie.

Caio divide o fone com ele. Eles ouvem por um tempo.

Luca – *(Vendo a foto no celular)* É esse cara aqui?

Caio – É.

Luca – Ele tem um olho de cada cor?

Caio – Ele levou um soco quando tava na escola. Aí o olho ficou assim.

Luca – Sério?

Caio – Sério.

Luca – Ficou assim pra sempre?

Caio – Pra sempre.

Luca – O cabelo dele é tão legal.

Vanessa – Você falou com ela hoje?

Pedro – Mandeí mensagem.

Vanessa – Ela visualizou e não respondeu?

Pedro – É.

Vanessa – As minhas também. *(pausa)* Faz quase dois meses.

Pedro – Tô ligado.

Vanessa – Não era pra ela já ter mudado, alguma coisa, pelo menos?

Pedro – Não sei. Não sou médico.

Vanessa – Será que ela largou o remédio de novo?

Pedro – Sei lá.

Vanessa – Da outra vez ela ficou boa em menos tempo.

Pedro – Ficou nada.

Vanessa – Pê, vamos ligar pra mãe?

Pedro liga pra mãe no viva voz. Conseguimos ouvir a ligação chamando.

Luca – Esse também é ele?

Caio – É. Cada álbum ele tava de um jeito. Ele mudava sempre. Ele dizia que era gay, depois casou com uma mulher, aí falou que era bi... Não dava pra definir ele, pra por um rótulo, sabe? E ele tinha esses personagens que ele criava, que eram ele mas não eram ele. Esse aqui é o Major Tom. É um astronauta que vai pra Lua, e quando ele tá lá, no espaço, ele resolve ficar lá. Ele não diz o porquê. Ele só tá lá, na lua, e ele pensa: pra que eu vou voltar? Pra quem? E ele decide ficar lá. Pra sempre. Ele fala: digam pra minha mulher que eu amo ela muito. E ele fica lá. Pra sempre. Longe daqui. Bem longe.

Sinal de mensagem no celular de Vanessa.

Vanessa – Opa, é ela. (olha o celular) Ah, não, é a Pri. (celular) Oi, Pri, fala! (para Pedro) Falta um mês pra festa, ela não me responde, eu não posso ir lá sozinha, o pai não tá nem aí.

Pedro – É, a pior coisa que pode acontecer agora é cancelar a merda da sua festa, mesmo.

Vanessa – Pra mim é importante.

Pedro – Só pra você.

Vanessa – Ah, é? Vou contar pro pai que você vai repetir de ano.

Pedro – Minha vida toda tá uma merda, e eu numa sala resolvendo equação?

Vanessa – É o que a gente tem que fazer, não é?

Pedro – Tô cansado de ouvir o que eu tenho que fazer. Eu tenho que estudar, fazer vestibular, ter uma puta carreira, trabalhar a vida inteira, pra que? Pra acabar deitado numa porra dum sofá olhando pro teto, igual a mãe.

Vanessa – Não é culpa dela.

Pedro – A culpa é dela, sim. Dela e desse bosta que mandou a gente vir morar aqui e tá cagando e andando se isso é bom pra gente ou não.

Vanessa – A gente só veio porque ia ser melhor pra mãe.

Pedro – Eu vim porque me obrigaram. Eu moraria lá, se eu pudesse. Mas eles decidiram por mim. Porque eu tenho 17 anos. Eu não posso decidir as coisas sozinho. Eu não tenho filho, eu não tenho emprego, eu não tenho 43 anos na cara. Ela tem. Ela tinha que saber cuidar da vida dela. Isso não era pra ser problema nosso.

Vanessa – Mas é! *(Pedro levanta irritado e sai)* Idiota. *(ao celular)* Fala logo, Pri. Para de graça! *(ri)* Você tá grávida?

Caio – Você já teve vontade de ir embora?

Luca – Ir embora, viajar?

Caio – Ir embora, mesmo. De vez. A gente não cabe no mundo, então o mundo que se vire sem a gente.

Luca – Acho que não. Pra onde?

Caio – Pra Lua. Pra Marte.

Vanessa – Que má notícia? *(Tempo)* Foto? Que foto? *(Tempo)* Como assim? Que grupo da sala? Que grupo da sala?

Pedro está no banheiro. Ele vê algo no celular.

Pedro – Vanessa! Que porra é essa?

No quarto de Caio.

Luca – Você acha que tem vida lá em Marte?

Caio – Espero que sim.

Luca – Igual aqui?

Caio – Espero que não.

Vanessa está escondida no canto do banheiro, fala ao telefone.

Vanessa – Quem que mandou, então? Eu só mandei pra você. Eu só mandei pra você. Eu não acredito que você fez isso comigo.

PARTE 04 – ALGUÉM VAI TER QUE IR EMBORA

Caio – *(narra)* Depois disso, os dias ficaram meio iguais. Como se a vida aqui em casa fosse um filme, que repetia sempre as mesmas cenas.

Mudança de letreiro: DOIS DIAS DEPOIS

.....

Vanessa no banheiro, olhando no espelho, desalinhada, fala no telefone.

Vanessa – Pri, você também já mandou. Você me contou. Eu lembro. Todo mundo manda. Todo mundo. *(TR)* Eu sei, Pri, eu vi que ele salvou a foto, eu até perguntei pra ele, mas eu achei que... *(longa pausa)* eu achei que eu podia confiar. Ele era meu namorado. E a gente conhece ele desde a primeira série! Eu achei... eu achei que ele era um cara legal.

.....

Luca e Pedro no quarto, à noite. Vanessa não está com eles. Luz baixa.

Luca – Pedro. *(Ele não responde)* Pedro!

Pedro – Que?

Luca – Por que que o pai brigou com a Vanessa?

Pedro – Por causa da festa.

Luca – Mas ela não disse que ela não queria mais a festa?

Pedro – É, mas o pai já tinha pago um monte de coisa. E não dá pra devolver o dinheiro.

Luca – Ela não vai querer festa mesmo?

Pedro – Não, não vai.

Luca – Porque?

Pedro – Porque a festa era pro pessoal de lá, da escola velha...

Luca – E daí?

Pedro – E daí que ela não é mais amiga do pessoal da escola velha.

Luca – Mas ela sempre quis fazer festa!

Pedro – Eu sei.

Luca – Todas as amigas dela fizeram festa.

Pedro – Eu sei.

Luca – Eu tava com a coreografia pronta já...

.....

Caio – Como se a gente também tivesse preso num dia ruim. Um dia ruim que repetia, repetia. Um dia ruim que nunca acabava.

Mudança de letreiro: DUAS SEMANA DEPOIS

.....

Vanessa no banheiro, telefone.

Vanessa – É, eu sei, eu imagino o que tão falando. (TR) Só você responde, as meninas nunca mais falaram comigo.... (TR) Que desculpa, Pri? Você acha que ele vai pedir desculpa? Ele tá lá de boas, o herói da galera, ninguém fala nada pra ele! Como se ele não tivesse feito nada. Como se a errada fosse eu. (TR) Não quero, não vou falar com ele, nem com elas, nunca mais.

.....

Luca sozinho na mesa do café da manhã. Vanessa e Pedro dormem no quarto.

Luca – Pedro, você não vai pra escola de novo?

Pedro – Não.

Luca – A Vanessa não vai pra escola de novo?

Pedro – Não.

Luca – Eu também não vou, então.

Pedro – Vai, sim.

Luca – Por que?

Pedro – Porque senão o pai briga.

Luca – Ele também vai brigar com vocês.

Pedro – É, mas você é criança.

Luca – Eu não sou criança!

Pedro empurra Luca pra ir pra escola.

.....

Vanessa se olha no espelho e desmonta o visual:

Vanessa – Burra! Sua burra! Burra!

.....

Caio (*narra*) – Foi aí que eu entendi porque a Vanessa queria tanto aquela festa. Ela queria uma festa incrível pras pessoas falarem da festa, porque na cabeça dela se as pessoas falassem dela, da Vanessa mesmo, ninguém ia falar tão bem assim.

Todos estão no quarto, deitados. Luca percebe que Vanessa está chorando e começa a cantar baixinho. Pedro aos poucos acompanha. Vanessa também..

.....

Mudança de letreiro: ANIVERSÁRIO DA VANESSA

Caio e Luca na cozinha, mesa de café da manhã.

Caio – (*narra*) Foi na manhã do aniversário da Vanessa que eu comecei a escrever essa história...

Luca – Eu tava pensando... e a mulher do astronauta?

Caio – Que?

Luca – A mulher do astronauta. Da música. O astronauta que ficou lá. E a mulher dele? A que ele disse que amava muito? Como será que ela ficou, quando ele nunca voltou?

Caio – Não sei. A música não fala.

Luca – Será que se ela soubesse que ele não ia voltar mais, teria deixado ele ir?

Caio – Não sei.

Luca – Ou teria ido junto?

Caio – Ela não podia ir junto, acho.

Luca – Porque ela teria que ser astronauta também.

Caio – É.

Luca – Será que eles tinham filho?

Caio – Não sei.

Luca – Ele só disse: fala pra ela que eu amo ela muito. É pouco. Pra quem nunca mais vai se ver na vida.

Caio – É.

Luca – Ela merecia mais.

Caio – É.

Luca – Pelo menos umas duas, três frases. Pelo menos.

Caio – É.

Luca – Eu acho. *(Silêncio. Caio fica pensativo. Luca pega a mochila)* Vamos?

Caio – Acho que eu não vou hoje.

Luca – Por que não?

Caio – Eu tenho uma coisa pra fazer aqui.

Luca – Por que que todo mundo pode faltar na escola, menos eu?

Luca sai pra escola. Caio fica pensativo. Pega o caderno e lápis na mochila.

Caio – *(escreve)* Introdução. Eu devia começar com uma introdução.

.....

Passagem de tempo. Caio ainda escreve.

Caio – *(escreve)* Primeiro eu pensei em escrever uma história de heróis. Eu gosto de heróis. Eles são sempre muito bons em alguma coisa.

.....

Fim daquela tarde. Vanessa observa o que Caio está fazendo por um tempo.

Caio – É só fazer uma coisa certa, uma vez na vida, o que a minha mãe queria que eu fizesse. Ir embora. Sumir.

Vanessa – É você?

Caio – *(Caio coloca o capacete rapidamente)* O que?

Vanessa – *(aponta pro desenho)* O astronauta do desenho. É você?

Caio – Mais ou menos. *(tenta pegar o caderno pra guardar)*

Vanessa – Você desenha bem.

Caio – Você acha?

Vanessa – Acho. Bem pra caramba. É tipo um gibi? Posso ler?

Caio – Melhor não.

Vanessa – Por favor.

Caio – Depois. *(pega o caderno de volta)*

Vanessa – Tá. *(pausa. Vanessa se joga no sofá)* Você devia desenhar mais.

Caio em silêncio um bom tempo, criando coragem, tira o capacete.

Caio – *(enfim criando coragem)* Feliz Aniversário.

Vanessa – *(sincera)* Obrigada.

Caio – *(narra)* Superpoderes que eu queria ter, se eu fosse um herói. Visão de raio-X, ou algo assim, pra enxergar as pessoas como elas são de verdade, e não como a gente acha que elas são. Eu achava a Vanessa chata pra caramba. Mas vai ver ela nem era. Vai ver ela também era só uma piada, tanto quanto eu.

Silêncio. Caio ainda sem jeito.

Caio – Ter quinze anos é um saco, né?

Vanessa – Você acha? Tenta ser menina.

Silêncio.

Caio – Eu também acho que você não fez nada de errado.

Vanessa – Como as coisas mudam, né? Eu achava que tinha um monte de amigos lá, que todo mundo era o máximo.

Caio – Talvez um dia você volte a falar com as suas amigas...

Vanessa – Pra que? Falar com gente que faz isso, gente que pensa assim?

Caio – É.

Vanessa – A gente nunca acha que vai acontecer com a gente...

Caio – É...

(Longo silêncio)

Vanessa – Ela nem lembrou. Não ligou pra dar parabéns. Nada. Aposto que ela passou o dia inteiro no sofá. Olhando pro vazio.

Caio – Deve ter lembrado, sim.

Vanessa – Quando ela ficou mal, da outra vez... Tinha dias que a gente saía pra escola e ela tava deitada no sofá e quando a gente voltava parecia que ela ainda tava deitada na mesma posição. Que ela nem tinha se mexido. Eu achava que ela devia estar pensando em alguma coisa. Eu achava que ela tava pensando em mim. Em nós. Mas se ela pensasse mesmo em mim, hoje ela teria lembrado. Você não acha?

Caio – Não sei.

Vanessa – Ela teria ligado e contado histórias de quando ela tinha quinze anos, de como foi terrível pra ela, de como ela se sentiu vazia e quanto ela achou que ia sofrer pra sempre, mas depois passou. E eu ia saber que não preciso me preocupar porque também vai passar. Tudo que tá acontecendo, vai passar. Um dia. Mas ela não disse.

Caio – Acho que pra ela não passou. Pra ninguém. Todo mundo que eu conheço odeia a própria vida. Os mais velhos, então, reclamam o tempo inteiro, do emprego, da casa, da conta, acham tudo um saco. Pra que continuar, se você sabe que vai ser infeliz pra sempre? Pra que?

Vanessa – Muita gente diz que fica melhor depois. Muita gente.

Caio – Muita gente quem?

Vanessa – É só uma fase. Vai passar.

Caio – Eu não consigo acreditar nisso.

Vanessa – A gente tem que acreditar. A gente só tá no lugar errado, só isso. Um dia vai ter algum lugar onde a gente se sinta em casa. Onde doa menos. Tem que ter.

Caio – *(narra)* Acho que a Vanessa não teria dito isso se soubesse o que ia acontecer em seguida. Tem coisas que herói nenhum consegue evitar. Ninguém consegue. Nem com todos os superpoderes do mundo.

Luca entra. Ele tem um olho roxo. Vanessa levanta preocupada.

Vanessa – Luca, que foi isso?

Luca – Nada.

Vanessa – Quem fez isso?

Luca – Não foi nada. *(sai em direção ao banheiro)*

Vanessa – Vem aqui...

Caio vai com eles, ele para no quarto, Luca e Vanessa no banheiro.

Vanessa – Foi na saída? Alguém da escola viu?

Luca – Acho que não.

Vanessa – Por que você não me ligou?

Luca – Não conta pra ninguém.

Vanessa – O pai vai ter que saber.

Luca – Não conta pra ele. Nem pro Pedro. Por favor.

Vanessa – Por que?

Luca – Ele vai dizer que é culpa minha.

Vanessa – Tá bom. Tudo bem.

Luca – Eu não fiz nada...

Vanessa – Eu sei.

Luca – Eles que vieram pra cima de mim.

Vanessa – Eu sei. Não é culpa sua.

Luca – Não conta pro pai...

Vanessa – Mas o pai vai acabar vendo...

Luca – Ele não pode saber...

Vanessa – Tá. A gente esconde. Com maquiagem. Pode ser?

Luca concorda. Vanessa vai até a bolsa e pega o estojo de maquiagem.

Vanessa – Você quer que eu faça?

Luca – Não precisa.

Vanessa – Tá. *(Luca entra no banheiro)* Se você precisar, você me chama.

Luca – Tá.

Sozinho no banheiro, Luca começa a se maquiar com o raio do David Bowie. Vanessa e Caio estão no quarto.

Caio – *(narra)* Superpoder de cura. Pra fechar todas as feridas que fossem necessárias. As feridas que a gente tem simplesmente por ser quem a gente é. Só isso.

Pedro entra pela cozinha, atordoado, confuso, acelerado. Vanessa vai até ele.

Vanessa – Onde você tava?

Pedro – Não te interessa.

Vanessa – Te liguei, mandei mensagem, nada.

Pedro – Tava por aí.

Vanessa – Eu tava preocupada, Pedro. *(Ele não responde. Ela vai saindo.)*

Pedro – Eu fui ver a mãe.

Vanessa – *(volta)* É? E como ela tá?

Pedro – Não entrei.

Vanessa – Mas você não foi lá?

Pedro – Fui.

Vanessa – E não entrou em casa?

Pedro faz que não com a cabeça. Caio escuta do quarto. Toca o telefone de Vanessa, na bolsa dela, que ficou no banheiro. Luca atende.

Pedro – Eu tô indo lá todo dia. Depois que vocês saem pra escola, eu vou e passo a manhã toda lá. Tento conversar com ela, mas ela quase não fala nada. A casa tá uma bagunça, um monte de coisas espalhadas, pilhas de coisas, tudo fora do lugar. Tudo que ela sempre mandava a gente não fazer, e a gente sempre fazia, agora ela faz também. E ela não se importa em arrumar a bagunça depois. Ela parou de se importar com qualquer coisa, Vanessa. Eu abri a janela do quarto dela, tinha teia de aranha, sei lá quanto tempo que ela não abria aquilo.

Vanessa – Não tava assim quando eu fui da última vez...

Pedro – Piorou muito nas últimas semanas, muito. Por isso o pai não levou a gente lá mais. Ele não quer que o Luca veja.

Luca – *(grita do banheiro)* Vanessa!!! O pai quer falar com um de vocês.

Pedro – Eu hoje saí daqui pensando: eu vou voltar a morar lá. Vou fazer ela ficar boa. Eu fui, peguei metrô, ônibus, passei na frente do João, entrei no prédio, peguei o elevador, tudo igual, como a gente sempre fez, mas na hora de abrir a porta, eu não consegui. Porque tava tudo igual, mas não tava. Ali não era mais a minha casa. Não era mais a minha mãe. Eu ia entrar e ia fazer o que, Vanessa? Toda vez que eu vou lá eu penso: o que a minha mãe faria, se fosse o contrário, como ela ia resolver isso? Ela ia saber como resolver. Mas eu não sei. Tudo inverteu, quem precisa é ela, e eu não sei o que fazer, eu não sei fazer por ela o que ela faria pela gente. Eu não sei fazer por vocês o que ela faria. E ela agora também não sabe, então fudeu.

Luca – *(grita do banheiro)* O pai quer falar com um de vocês.

Ainda não ouvem. Luca vai andando em direção a cozinha.

Pedro – Por que a gente não pode ter uma família igual a das outras pessoas?

Vanessa – Ela não escolheu ser assim...

Pedro – Se a gente não pode salvar a mãe, quem é que vai salvar, Vanessa? Quem vai salvar?

Luca – *(grita, já na cozinha)* O pai quer falar com um de vocês.

Pedro – Que? *(Pedro atende)* Alô? *(Ele ouve por bastante tempo.)* Qual hospital?

PARTE 05 – NÃO VAI ACONTECER

Caio – *(narra, sentado no chão do quarto)* Eu na verdade nem ligava tanto assim pras estrelas no teto do meu quarto. Aquilo é coisa de criança. E eu não sou mais criança. Nem vou voltar a ser. Nunca mais. Acho que o melhor de todos os superpoderes seria isso: manipular o tempo. Pra voltar e mudar coisas que aconteceram, e ter uma segunda chance. Ou então ir pro futuro e saber o que vai acontecer logo de uma vez.

Os três estão na sala em silêncio. Vanessa checa o celular o tempo todo, mas não responde nem lê mensagens. Não falam por um longo tempo.

Luca – Se acontecer mesmo, acho que a gente vai ter que ir.

Pedro – Não vai acontecer.

Silêncio.

Luca – Porque a gente já tem idade.

Silêncio.

Vanessa – Idade pra isso. Mas não pras coisas boas.

Silêncio.

Pedro – Não vai acontecer.

Luca – Eu sei, mas e se acontecer?

Pedro – Não vai acontecer.

Luca – Um dia, quando acontecer.

Pedro – Para com isso, Luca.

Luca – Quando a gente for adulto. Velho. E acontecer. Aí você vai querer ir?

Pedro não responde. Outro silêncio.

Vanessa – *(faz que sim com a cabeça)* Acho que sim. Você não?

Luca – Não sei.

Vanessa – Você não ia querer se despedir?

Luca – Acho que ia preferir lembrar dela como era antes.

Outro longo silêncio.

Luca – Tem que ir de preto, né?

Pedro – Luca...

Luca – Nos filmes eles são sempre de preto. E óculos escuro. Mesmo quando tá chovendo.

Caio – Isso é filme americano.

Luca – E eles fazem festa depois, é estranho.

Vanessa – Não fazem festa.

Luca – Se tem comida, é festa.

Caio – Não tem nada disso.

Luca – Você já foi?

Caio – Não. (*pausa*) Quando eu era bem pequeno meu avô morreu, mas não me deixaram ir.

Luca – No da minha avó também. A gente ficou em casa com uma vizinha, criança não podia entrar.

Silêncio.

Luca – E uma vez morreu o bebê da nossa tia. Eu fiquei imaginando o bebê no caixão. Um caixão bem pequeno, do tamanho de um bebê.

Silêncio.

Luca – Será que custa o mesmo preço?

Pedro – Luca, para com isso. Por favor.

Vanessa – Pedro, que que o pai disse?

Pedro – Que ia ligar. Que era pra gente ficar aqui.

Vanessa – E os médicos?

Pedro – Ele ia pra lá pra saber.

Vanessa – Mas o que eles disseram?

Pedro – Ele não sabia direito.

Vanessa – Ele não falou nada?

Pedro – Falou que não sabia.

Vanessa – Que mais?

Pedro – Não sei.

Vanessa – Pedro, não dá pra ficar aqui fingindo que nada tá acontecendo.

Pedro – Falou que era pra gente ficar aqui. Que ela tava em observação. Que as primeiras horas eram importantes. Que ele ia ligar quando soubesse mais.

Vanessa – E o número? *(ele não responde)* Eu ouvi você falando um número.

Pedro – *(olha pra Luca, pensa se deve ou não dizer na frente dele)* Setenta por cento.

Vanessa – De que?

Pedro – De chance.

Vanessa – De chance de que?

Pedro não responde. Silêncio.

Pedro – Sério, eles não tem como saber.

Vanessa – Pedro, a gente tem que se preparar.

Pedro – Preparar pra que?

Vanessa – Uma hora vai acontecer, Pedro. Se não for agora, como a gente sabe que ela não vai tentar de novo? Como a gente sabe que ela não vai tentar até ela conseguir?

Pedro – A gente não sabe.

Vanessa – A gente vai viver com isso na cabeça. Vai ficar o tempo todo achando que pode acontecer. Que uma hora ainda vai acontecer.

Pedro – E o que você quer que eu faça?

Vanessa – Não sei. *(pausa)* É só que. *(pausa)* Será que de algum jeito. *(pausa)* Não ia ser um alívio?

Silêncio.

Pedro – Um alívio pra ela, Vanessa. Pra nós, não. *(sai pro banheiro)*

Vanessa – Só tô dizendo que a gente tem que estar preparado. Só isso.

Vanessa volta pra sala com Luca.

Luca – Pra que?

Vanessa – Pra nada.

Caio – *(narra)* Eu só pensava se dava pra estar preparado. E pensava em como ela tinha decidido. O momento exato. Em que ela achou que a melhor coisa a fazer era mesmo enfiar aqueles comprimidos na boca. Pra doer menos. Pra buscar uma dor nova, ao invés de ficar repetindo a mesma dor de sempre.

Luca – A gente não pode ir lá?

Vanessa – Não.

Luca – Porque não?

Vanessa – O pai mandou a gente esperar aqui. Ele disse que ia ligar. *(pausa)*
Onde ela tá nem dá pra entrar, pra falar com ela.

Luca – Tá.

Caio – *(narra)* E pela primeira vez eu vi como era pra quem fica. Eu achava que sabia, mas eu nunca tinha imaginado de verdade. E a mulher do astronauta, o que ficou na lua pra sempre? A música não fala dela. A música não fala se ela e o astronauta tinham filhos.

Pedro – *(voltando do banheiro)* Escuta, eu fiquei pensando...

Caio – O que?

Pedro – A sua mãe trabalha no hospital... será que ela não sabe mais alguma coisa? Será que ela pode falar com alguém, conhece um médico, sei lá?

Caio – Acho que sim.

Pedro – Será que você podia pedir pra ela?

Caio – Posso, sim.

Pedro – Tá. Valeu. *(Vai sair, volta)* Você acha que... você acha que se eu tivesse entrado em casa hoje, de algum jeito eu podia... podia ter feito alguma...

Caio – *(interrompendo)* A gente nunca vai saber.

Pedro – Se eu tivesse ficado lá, com ela...

Caio – Se ela não se sentisse tão sozinha, se ela nunca tivesse ficado doente, se vocês nunca tivessem vindo morar aqui, se minha mãe nunca tivesse casado com o seu pai, se meu pai nunca tivesse ido embora, se a vida fosse um pouco mais legal, se as pessoas da escola fossem menos cruéis, se eu nunca tivesse nascido, são milhões de possibilidades. Mas a única que aconteceu foi essa aqui. E nessa aqui ela escolheu fazer isso. Ela escolheu. Não é culpa sua. Não é culpa de ninguém.

Pedro – *(concorda silenciosamente)* A gente tá aqui na sala. Se você quiser... se você precisar de alguma coisa...

Caio – Eu vou falar com a minha mãe e eu já vou lá.

Pedro – Beleza.

Pedro sai. Caio vai pro banheiro e para na frente do espelho. Ele tira a roupa de astronauta.

Caio – *(narra)* Um irmão do David Bowie se matou. Se jogou embaixo de um trem. Ele tinha esquizofrenia, muita gente na família deles tinha, e dizem que é genético. E o Bowie sempre achou que ia chegar nele, que não ia ter como fugir. Ele podia ter sofrido muito com isso, mas de algum jeito ele encontrou outro caminho, pegou aquele monte de coisa que só existia dentro da cabeça dele e transformou em coisas reais, quando ele virava aqueles personagens todos, ele foi afastando a loucura ao mesmo tempo em que ele abraçava de vez a loucura, foi sendo ele mesmo e ao mesmo tempo foi sendo outro. Podia ter dado tudo errado pra ele, mas de algum jeito, deu certo. Ele foi o David Bowie. Ele foi quem ele tinha que ser. De algum jeito, deu certo. Pra ele deu certo. *(sai do banheiro, passa pelo quarto.)* Não é a vida que a gente merece. Mas é a única vida que a gente tem. Só dá pra mexer nela se for daqui pra frente. Só. E se a gente fica, é pelos outros. A gente fica vivo uns pelos outros.

Caio vai pra sala de novo e senta com eles.

Caio – Minha mãe disse que se souber de alguma coisa ela liga.

Luca – Quando seu avô morreu, o que falaram pra você?

Caio – Que ele tinha ido viajar e não ia mais voltar.

Vanessa – Nenhuma história sobre Papai do Céu nem nada parecido?

Caio – Não. Eu chorei, porque queria que ele tivesse me levado pra viajar junto com ele. Fiquei com raiva dele um tempo. Eu só fui entender bem depois.

Vanessa – Quando ficou mais velho.

Caio – É. Aí não tive mais raiva.

Vanessa – Com o tempo a gente sempre entende as coisas.

Caio – Com o tempo a gente sempre entende as coisas.

Vanessa – Quando a gente é criança, esquece das coisas rápido.

Pedro – Dá vontade de ser assim de novo.

Silêncio.

Luca – É, mas agora a gente já tem idade.

Silêncio. Luca começa a chorar.

Pedro – *(pra Luca, carinhoso)* Olha só. Se acontecer, você só vai se quiser, tá bom?

Luca – Você acha que vai acontecer?

Vanessa o puxa pra perto dela no sofá, o abraça.

Pedro – Pode ser que aconteça. Pode ser que não. A gente não tem como saber.

Luca – Mas se acontecer, você vai?

Pedro – *(pausa)* Vou. Se acontecer eu vou. Você não precisa ir, se não quiser. Não tem problema. Eu vou por você. Você decide o que quer fazer.

Silêncio.

Luca – Que horas o pai vai ligar?

Pedro – Ele não disse. Você pode ir dormir se quiser.

Luca – Eu vou ficar aqui.

Vanessa – Tá bom.

Pedro – Se por acaso acontecer... a gente vai estar com você, tá bom?

Luca – Tá bom.

Todos aguardam na sala pela ligação de algum dos adultos.

É a primeira vez em que estão todos juntos, no mesmo cômodo, e formam de fato um grupo coeso.

Blackout.